

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Rita Santayana

**ENSINO COLETIVO DE FLAUTA TRANSVERSAL:
Um estudo de caso nas Oficinas Culturais SESI-música**

Porto Alegre

2012

Rita Santayana

**ENSINO COLETIVO DE FLAUTA TRANSVERSAL:
Um estudo de caso nas Oficinas Culturais SESI-música**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de especialização em Pedagogia da Arte, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do sul.

Orientadora: Dra Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao curso de pedagogia da arte, pela competência dos profissionais que trabalharam diante desta turma da edição de 2012 ,pela oportunidade de desenvolver este trabalho e pelos ensinamentos.

Agradeço à minha professora orientadora, Dra. Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres, pelo incentivo e por acreditar no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos meus alunos das “Oficinas Culturais SESI-música”, que possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas do curso de pedagogia da arte pela ajuda para a realização desta pesquisa e por todos os momentos de conhecimento e crescimento durante o ano de 2012.

Por fim, agradeço à minha família que sempre me apoiou e me incentivou com os estudos.

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida junto à turma coletiva de flauta transversal do projeto social “Oficinas Culturais SESI- música”, no bairro Morada do Vale I, em Gravataí-RS. Este trabalho teve como objetivo principal desvelar a importância do ensino coletivo de instrumento para o processo de aprendizagem musical dos jovens que participaram das oficinas. Para isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes e através dos dados coletados foram apresentadas algumas vantagens e possibilidades deste método tanto para os alunos quanto para os professores. Foram também analisados os dados das observações das aulas realizadas durante os meses de agosto e setembro de 2012. Como resultado pode-se concluir que esta metodologia foi eficaz para esta turma de ensino coletivo, não apenas para a aprendizagem musical dos jovens, mas também para o desenvolvimento social dos mesmos. Outro aspecto a destacar está relacionado aos desafios e aprendizagens do professor diante de uma turma de ensino coletivo.

Palavras-chave: ensino coletivo; flauta transversal; educação musical; projeto social.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEM- Associação Brasileira de Educação Musical

CAT- Centro de Atividades

ENECIM- Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais

OSPA- Orquestra Sinfônica de Porto Alegre

SESI- Serviço Social da Indústria

UER- Unidade Estratégica de Referência

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UFScar- Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. ABORDAGEM METODOLÓGICA	11
2.1 CAMPOS E SUJEITOS DA PESQUISA.....	11
2.2 ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES.....	13
3. REVISÃO DE LITERATURA	15
4. ANÁLISE DOS DADOS	21
4.1 PARTICIPANTES DA OFICINA.....	21
4.2 DINÂMICA DAS AULAS E METODOLOGIA.....	23
4.3 MATERIAIS E CONTEÚDOS.....	25
4.4 VANTAGENS DO ENSINO COLETIVO.....	27
4.5 O GOSTO MUSICAL DOS ALUNOS.....	30
4.6 DESAFIOS DO PROFESSOR.....	31
4.7 POSSIBILIDADES DE TRABALHO.....	33
5. CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

Tive meu primeiro contato com a música ainda na escola, quando estava na terceira série do Ensino Fundamental. Nesta escola, o ensino de música era uma disciplina obrigatória a todos os alunos e nela aprendíamos a tocar flauta doce e também cantávamos, porém, sem muita técnica. Mais tarde, com 14 anos, já não tinha mais as aulas de músicas pois havia trocado de escola, mas mesmo assim resolvi prestar a prova para entrar na escola de música da OSPA, que a partir de 2003 passou a ser conhecida como Conservatório de Música Pablo Komlós¹. Nesta escola tínhamos aula de teoria musical uma vez por semana com uma turma de aproximadamente 25 alunos. Já as aulas de instrumento, no meu caso a flauta transversal, eram individuais, uma vez por semana, com duração de uma hora. Alguns professores também ofereciam para suas turmas, aulas coletivas de instrumento além das individuais.

Em 2004, após algumas interrupções no estudo da música e muitas dúvidas em relação ao meu futuro, resolvi prestar vestibular para música, não muito certa ainda se realmente era isso o que eu queria. Na faculdade, onde cursei bacharelado em música-flauta transversa, as aulas de instrumento eram individuais com a duração de uma hora por semana (dependendo do semestre eram duas horas). Também tínhamos a aula coletiva onde podíamos montar pequenos grupos de flautas para tocarmos juntos e eram abordados assuntos relacionados ao instrumento e de interesse em comum a todos os estudantes.

Depois de me formar na faculdade, comecei a dar aulas de flauta, e pude perceber que não apenas em meu local de trabalho, mas em algumas escolas de música e projetos sociais, visando atender um maior número de alunos e dar acesso à aprendizagem de um instrumento, já não era mais possível utilizar aquele método de aula individual para instrumento como havia sido na minha iniciação instrumental. No início fiquei um pouco espantada com essa realidade e pensei que seria impossível dar aulas de instrumento com tantas crianças na sala de aula, no entanto, depois pude perceber que as aulas coletivas poderiam contribuir para que os alunos tivessem aulas mais dinâmicas e estimulantes.

¹ Infelizmente o Conservatório Pablo Komlós está com suas atividades interrompidas por tempo indeterminado.

Assim sendo, a ideia de desenvolver esta pesquisa sobre o ensino coletivo de flauta transversal, surgiu a partir de minha experiência em sala de aula. Durante toda minha caminhada como estudante fui adepta ao método tradicional de aulas individuais, mas hoje vejo que ensino coletivo de música é possível. No entanto, quando fui pesquisar materiais para minhas aulas percebi que este recurso de aulas coletivas embora, bastante adequado à realidade do nosso país, pois dá acesso a música a um maior número de jovens, ainda possui carência de métodos e pesquisas desenvolvidas nesta área e esbarra em alguns preconceitos de profissionais que, assim como eu, tiveram sua formação instrumental exclusivamente em um método tradicional onde as aulas são exclusivamente individuais. Desta maneira, a presente pesquisa apresenta como tema o ensino coletivo de instrumentos e teve como objetivo mostrar a importância do ensino coletivo de instrumento para o processo de aprendizagem musical de jovens participantes de turmas coletivas de instrumento.

O local escolhido para a realização deste trabalho foi as “Oficinas Culturais SESI Música” desenvolvidas pelo SESI - Gravataí (Serviço Social da Indústria) juntamente com a empresa patrocinadora Jackwal². Este foi o local onde eu trabalhei durante o período de setembro de 2010 à setembro de 2012, e isto facilitou para que eu tivesse acesso, tanto a rotina de estudos dos jovens quanto a detalhes das aulas e atividades que pudessem contribuir para o desenvolvimento das oficinas.

De acordo com o texto institucional desenvolvido por Lucia Teixeira, as oficinas ocorrem no SESI- RS desde 1990 e tiveram início na cidade de Santa Rosa visando atender crianças e adolescentes no turno oposto ao da escola regular. Esse projeto começou com iniciação musical e dança e contava, também, com parceria da prefeitura daquela cidade. Em apenas um semestre de atividades passaram a ser ofertadas também aulas de violão, teclado e flauta.

Atualmente há 35 Centros de Atividade (CATs) vinculados à Unidade Estratégica de Referência em Lazer (UER Lazer), do SESI, no estado do Rio Grande do Sul. Em 12 deles, a partir de 2008 e 2009, passaram a ser oferecidas oficinas de música.

² A Jackwal é uma empresa industrial instalada em área própria, com 100.000 m² de terreno e 16.000 m² de área construída, localizada no Distrito Industrial de Gravataí, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Sua origem foi uma pequena oficina para a fabricação de fogareiros e maçaricos de querosene à pressão, instalada em 1949 por J. Aloys Griebeler, gaúcho com notável espírito empresarial. Com tradição de mais de 60 anos produzindo artigos de gás e acessórios de banheiro, ela atende, atualmente, o mercado brasileiro e internacional, exportando para vários países, em especial América Latina e África. <http://www.jackwal.com.br/site/index.php?L=pt&pag=empresa>

As Oficinas Culturais SESI Música têm como objetivo principal atender filhos e dependentes dos trabalhadores na indústria porém, também são oferecidas algumas vagas à comunidade. As oficinas, pelo próprio termo, caracterizam-se por aulas de diversos instrumentos musicais (de cordas e sopros), canto, musicalização e teoria musical.

Embora a oficina de flauta transversal pertença ao SESI-CAT de Gravataí, ela ocorreu nas dependências da Igreja Santa Rita, no bairro Morada do Vale I, no município de Gravataí e beneficiou moradores do mesmo bairro. A Igreja disponibilizou quatro salas da paróquia para que fossem desenvolvidas as aulas. As salas não eram de uso exclusivo das oficinas de música, assim, não foi possível caracterizá-las de maneira que o aluno se sentisse em um ambiente musical. O SESI iniciou suas atividades nesta comunidade em 2010 com as oficinas de percussão e flauta doce. Atualmente são oferecidas aulas duas vezes por semana de flauta doce e transversa, violão e percussão. São atendidas aproximadamente 60 crianças e adolescentes entre 7 a 16 anos e a equipe conta com três monitores de música para a realização das aulas. A maioria dos alunos são de classe popular e, por isso, além de frequentarem as aulas gratuitamente, ao se matricularem no curso, recebe uma pasta com agenda, caderno e lápis. Os instrumentos musicais também eram emprestados aos alunos que não tinham condições de adquirir o seu próprio e através de um termo de compromisso assinado pelos os responsáveis, os alunos podiam levar os instrumentos para fazer a prática em casa.

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa onde eu assumi o papel de pesquisadora e também participante do grupo. Para isto, utilizei-me de um diário de campo onde fiz anotações das observações das minhas próprias aulas. Os registros das aulas, utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho, foram durante os meses de agosto e setembro, no entanto, tenho registros de aulas desde o mês maio de 2012. Como instrumento para desenvolver a pesquisa, também realizei entrevistas semiestruturadas com os cinco alunos pertencentes às oficinas de flauta transversal.

A pesquisa realizada foi organizada em cinco partes, sendo elas: introdução, revisão de literatura, metodologia, análise dos dados coletados e conclusão. Abaixo temos uma síntese de cada capítulo.

A primeira parte do trabalho traz uma breve introdução onde o tema e o objetivo da pesquisa são apresentados, e, desta maneira, possibilita que o leitor conheça a relevância e os motivos que levaram à realização desta pesquisa, como por exemplo, a

experiência profissional da pesquisadora em sua turma coletiva de flauta transversal e a falta de materiais tanto de reflexão teórica quanto metodológica desenvolvidos para este tipo de ensino.

A segunda parte da pesquisa traz a metodologia utilizada para o desenvolvimento da mesma. Nesta seção justifico a escolha pelo estudo de caso para a realização das observações. Também é neste capítulo que apresento os participantes através de uma tabela com alguns dados como, nome, idade e experiência musical. Nesta seção ainda é explicado como ocorreu a coleta de dados e os recursos utilizados, como por exemplo, a entrevista semiestruturada realizada com os alunos das oficinas de flauta transversal e as observações de 10 aulas realizadas nos meses de agosto e setembro nas aulas coletiva de flauta transversal.

A segunda parte deste trabalho apresenta a revisão de literatura, onde a autora cita algumas pesquisas já desenvolvidas com essa temática e que foram utilizadas como referências para o desenvolvimento desta pesquisa. Esta primeira parte é de fundamental importância, pois mostra tanto para o autor como para o leitor, a situação atual da temática, possibilitando assim, o avanço das investigações. Neste tópico deu-se destaque para os trabalhos de, Flavia Maria Cruvinel (2005) que realizou um estudo em sua dissertação de mestrado sobre ensino coletivo de cordas e foram destacados também, trabalhos acadêmicos de colaboradores dos anais do ENECIM (Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais). Encontro este, coordenado pela professora da Universidade de Goiânia, Flávia Maria Cruvinel no ano de 2004.

A terceira parte da pesquisa traz a metodologia utilizada. Nesta seção é justificada a escolha da abordagem metodológica para a realização das observações. Também é aqui que os cinco participantes da entrevista são apresentados através de uma tabela com alguns dados como, nome, idade e experiência musical. Nesta seção ainda foi explicado como ocorreu a coleta de dados e são expostos os recursos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo, a entrevista semiestruturada realizada com os alunos das oficinas de flauta transversal e as observações de 10 aulas realizadas nos meses de agosto e setembro de 2012 nas aulas coletivas de flauta transversal.

Na quarta parte do trabalho é apresentada a análise dos dados coletados e também são trazidos alguns relatos das entrevistas realizadas com os alunos da oficina de flauta transversal juntamente com algumas observações feitas em sala de aula pela

autora. Neste capítulo buscou-se a articulação de ideias de autores pesquisadores do tema ou pesquisadores na área da educação musical, tais como Cruvinel (2005), Ana Cristina Tourinho (1995) e João Maurício Galindo (2000). Esta pode ser considerada a parte mais importante do trabalho, pois é onde se consegue perceber através da fala dos alunos a importância das aulas coletivas na formação musical dos mesmos. Percebe-se que os jovens se sentem mais estimulados para a aprendizagem e acham as aulas mais divertidas com a presença dos colegas em sala de aula.

Na quinta e última parte do trabalho, são apresentadas as reflexões finais a partir dos dados coletados para a pesquisa, mostrando a importância das aulas de instrumento coletivo não apenas para os jovens da oficina observada, mas de uma forma geral para a sociedade, sendo as aulas coletivas com crianças, jovens ou adultos. Acredita-se que, além de dar acesso à música a um maior número de pessoas, as aulas coletivas interferem diretamente na aprendizagem do aluno quando ele passa a ter como exemplo não apenas o professor, mas também os colegas. Concluiu-se também que as aulas coletivas de instrumento reforçam as relações interpessoais entre os alunos e isto acaba contribuindo tanto para o seu desenvolvimento musical quanto para sua formação como ser humano.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa teve caráter qualitativo, pois segundo Chizzotti (2005, p.82) ao descrever as características da postura do pesquisador em uma pesquisa qualitativa:

o pesquisador não se transforma em um mero relator passivo: sua imersão no cotidiano, a familiaridade com os acontecimentos diários e a percepção das concepções que embasam práticas e costumes supõem que os sujeitos da pesquisa tem representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativa coerência em relação a sua visão e a sua experiência.

A pesquisa qualitativa nas últimas décadas tem sido muito utilizada em áreas do conhecimento como psicologia, educação e administração de empresas dentre outras e tem como característica principal um caráter exploratório e de análise dos dados coletados. Também se caracteriza por estimular o uso de instrumentos de pesquisa como entrevistas e observações e, desta maneira leva os sujeitos participantes a refletirem livremente sobre algum tema objeto ou conceito.

Desta maneira, dentro desta perspectiva, para desenvolver este trabalho realizei um estudo de caso, onde foi feita uma pesquisa com os jovens integrantes da oficina de flauta transversal pertencente às Oficinas Culturais SESI – Música. Neste contexto ressalto ainda que eu era a professora que ministrava as aulas e tinha o objetivo de observar as aulas coletivas de flauta transversal.

Em relação à escolha pelo estudo de caso trago as ideias de Mirian Goldenberg (1997, p. 33 e 34), que afirma:

[...] o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais [...] reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.

2.1 CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

As oficinas iniciaram em Abril de 2012 e todos os integrantes da oficina de flauta transversal já faziam parte anteriormente das oficinas de flauta doce, realizadas no mesmo local e ministradas por mim também desde setembro de 2010. Alguns alunos,

no entanto, já pertenciam a outros projetos sociais de música realizados na comunidade. Sendo assim, a turma era formada por alunos com diferentes níveis de conhecimentos musicais.

As oficinas de flauta transversal, onde o estudo de caso foi realizado, embora pertencente ao projeto oficinas culturais SESI-música ocorreram nas dependências da Igreja Santa Rita, no bairro Morada do Vale I, no município de Gravataí e tinha como característica beneficiar moradores do mesmo bairro. A Igreja disponibilizou quatro salas da paróquia para que fossem desenvolvidas as aulas. As salas não eram de uso exclusivo das oficinas de música, sendo assim, não foi possível caracterizá-las de maneira que o aluno se sentisse em um ambiente musical. As atividades musicais iniciaram nesta comunidade em 2010 com as oficinas de percussão e flauta doce. Atualmente, são oferecidas aulas duas vezes por semana de flauta doce e transversal, violão e percussão. São atendidas aproximadamente 60 crianças e adolescentes entre 7 a 16 anos e a equipe conta com três monitores de música para a realização das aulas. A maioria dos alunos são de classe popular e, por isso, além de frequentarem as aulas gratuitamente, ao se matricularem no curso, recebem uma pasta com agenda, caderno e lápis. Os instrumentos também foram disponibilizados aos alunos que não tinham condições de adquirir o seu, podendo, através de um termo de compromisso, assinado pelos responsáveis, levar o instrumento para casa para estudo diário.

Estas oficinas foram ministradas por mim, ocorreram duas vezes por semana durante os meses de abril à setembro de 2012, com duração de uma hora cada aula, porém o material coletado para o desenvolvimento deste trabalho ocorreu durante os meses de agosto e setembro. A turma contou com a participação de cinco alunos, um menino e quatro meninas, com idades entre dez e dezesseis anos de idade. Esses jovens eram alunos no turno da tarde nas oficinas de flauta doce no projeto mencionado anteriormente e foram convidados a participar das oficinas de flauta transversal que iriam ocorrer no final da tarde, após as oficinas de flauta doce. Nem todos os alunos puderam participar, pois alguns dependiam do transporte do projeto para voltar para casa e este estava disponível apenas até o horário do término da aula de flauta doce.

Todos os integrantes da oficina de flauta transversal já eram conhecidos meus e conheciam-se entre eles também há, no mínimo, dois anos. Isso por consequência, fez com que as aulas ocorressem de forma mais descontraída, sem ser necessário passarmos

por um período de adaptação. Este conhecimento prévio dos integrantes do grupo também contribuiu pra mim, como professora, na abordagem individual dentro da aula coletiva.

Abaixo trago um quadro que elaborei, para que possamos ter uma visão geral das características dos participantes. Seus nomes reais, todavia, foram substituídos com o intuito de preservar a imagem dos jovens e os nomes fictícios foram escolhidos por mim. Visto que os nomes não são reais, organizei a tabela na ordem crescente da idade dos alunos.

Nome	Idade	Ano que iniciou flauta doce	Ano que iniciou flauta transversal
Vera	10 anos	2008	2012
Vanessa	11 anos	2009	2012
Fátima	12 anos	2009	2012
Fabiano	14 anos	2006	2012
Raquel	16 anos	2009	2012

Inicialmente a turma contava com a participação de seis alunos, porém os dados coletados e analisados ao longo da pesquisa foram de cinco participantes, pois uma das alunas, por motivos pessoais, comparecia pouco as aulas.

Tendo em vista que, para o desenvolvimento deste trabalho contei com a participação de cinco alunos da oficina, trago Chizzotti como citação para afirmar que “o resultado final da pesquisa não será fruto de um trabalho meramente individual, mas uma tarefa coletiva, gestada em muitas microdecisões, que a transformam em uma obra coletiva.”(2006,p. 84)

2.2 ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES

Para registrar a opinião dos alunos e desenvolver este trabalho, foi elaborada uma entrevista semiestruturada, com sete questões relacionadas às aulas coletivas de

flauta transversal. Embora o foco deste trabalho fosse as aulas coletivas, optei por realizar as entrevistas individualmente com cada um dos alunos para que não houvesse influência dos colegas nas respostas. As entrevistas foram todas realizadas no local onde ocorriam as aulas, em horários e dias diferentes, após o término das aulas e de acordo com a disponibilidade de cada aluno. As sete perguntas foram respondidas de forma descritiva não havendo opções por uma resposta já pronta. Para facilitar o diálogo entre a entrevistadora, e os entrevistados, as entrevistas foram registradas através de um gravador de áudio e para que os entrevistados desenvolvessem seus pensamentos com mais fluidez, foram acrescentadas outras pequenas perguntas entre as questões já estruturadas para a entrevista, tais como ,“por que?” ou “me de um exemplo”, que pudessem auxiliá-los a aprofundar seus pensamentos. Por isso, podemos chamar este tipo de entrevista realizada de semiestruturada, pois segundo Laville (1999, p. 188) neste tipo de entrevista “ocorre uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.”

Segundo os pesquisadores Marcelo Dantas e Vanessa Cavalcante (2006, p. 2,3) as entrevistas realizadas em pesquisas qualitativas são caracterizadas por serem feitas com um número pequeno de pessoas e também por serem entrevistas realizadas individualmente.

Alguns alunos, no início, ficaram um pouco tímidos e até se recusaram a participar, porém todos trouxeram, durante as entrevistas, respostas que contribuíram muito para o desenvolvimento deste trabalho. As questões elaboradas para guiar a entrevista foram as seguintes:

1. Quando você começou a estudar flauta transversal?
2. Você gosta de ter aulas de flauta com seus colegas? Por quê?
3. Você acha que aulas individuais poderiam aumentar seu rendimento?
4. O que você destaca que aprendeu nas aulas coletivas de flauta?
5. Você acha que 1h de aula (duas vezes por semana) é o suficiente ou poderíamos ter mais tempo?
6. O que você achou do material (exercícios) utilizado durante as aulas?
7. Quais são as músicas que você gostaria de tocar na flauta transversal com o seu grupo?

Após realizadas e gravadas todas as entrevistas, estas foram transcritas, digitadas e organizadas em um caderno com o total de quatro páginas, para que posteriormente fossem analisadas.

Como parte da metodologia, para registrar as aulas foi feito um diário de campo, onde anotei durante oito aulas, tanto as minhas observações de professora diante de uma turma coletiva de instrumento, como a postura e os relatos dos alunos diante das mesmas. Após o término de cada aula eu anotava todos os acontecimentos e conversas ocorridas, que julguei relevante para o desenvolvimento do trabalho. Também fiz algumas reflexões sobre comportamentos e falas dos alunos durante as atividades feitas nas aulas. Estas observações que fiz dos foram organizadas por mim e podem ser encontradas em um caderno que chamei de diário com um total de seis páginas. Esta observação participante que fiz, segundo Chizzotti (2005, p. 90) caracteriza-se por,

Experienciar e compreender a dinâmica dos atos e eventos e recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos.... a atitude participante pode estar caracterizada por uma partilha completa, duradoura e intensiva da vida e da atividade dos participante, identificando-se com eles, como igual, entre pares, vivenciando todos os aspectos possíveis da sua vida, das suas ações e dos seus significados.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Observa-se que o ensino coletivo de instrumento vem sendo cada vez mais aceito por professores e instituições de ensino no Brasil. No entanto, podemos perceber que muitos professores que atuam nesta área tiveram sua formação instrumental no método tradicional de aulas individuais e isto acaba gerando dúvidas quando o profissional depara-se com uma turma coletiva de instrumento. Com o objetivo de desenvolver e auxiliar os professores deste ensino, no ano de 2004 aconteceu o I ENECIM (Encontro Nacional de Ensino Coletivo de instrumentos Musicais) em Goiânia, coordenado pela professora da Universidade de Goiânia, Flávia Maria Curvinel e teve como principais colaboradores José de Almeida, Joel Barbosa, Flávia Cruvinel, Maria Isabel Montandon e Ana Cristina Tourinho. Atualmente o ENECIM encontra-se na sua quinta edição.

O ensino coletivo de instrumento iniciou no Brasil através da música vocal com o Canto Orfônico de Villa-Lobos nos anos quarenta do século XX. Logo após, já nos anos cinquenta, o professor José Coelho de Almeida aceitou o desafio de desenvolver uma banda de música dentro de uma fábrica no interior de São Paulo, onde ele iniciaria então a trabalhar com o ensino coletivo de instrumentos musicais de sopro. (QUEIROZ, RAY, 2005; ALMEIDA, 2004, p. 11). Segundo Tourinho (2007), a edição de materiais para aulas coletivas de piano da professora Maria Junqueira Gonçalves marcou o início de publicações de partituras brasileiras voltadas para o ensino coletivo de instrumento e trabalhos teóricos brasileiros (teses e dissertações) só começaram a aparecer na última década do século XX e podem ser considerados como referência: Moraes (1995 e 1996), Montandon (1996), Tourinho (1995), Oliveira (1998), Galindo (2000), Cruvinel (2001 e 2005), Barbosa (2004).

Podemos perceber que artigos e dissertações sobre o ensino coletivo de instrumento trazem algumas questões em comum. Acredito que a questão de maior interesse e talvez a maior dúvida dos profissionais interessados neste assunto seja a metodologia. Temos pouco material desenvolvido para aulas coletivas de instrumento e isso faz com que muitos professores em seus artigos relatem suas experiências de sala de aula, com o objetivo de compartilhar com colegas da área e trocar idéias de como desenvolver suas aulas. Porém, não há “receitas” para uma aula coletiva de instrumento

e é natural que a confiança para desenvolver aulas em grupo só venha com o tempo. (MONTANDON, 2004).

Em relação aos métodos desenvolvidos no Brasil para ensino coletivo de instrumentos, tanto Flavia Maria Cruvinel em sua dissertação de mestrado “Educação Musical e transformação Social – Uma experiência com ensino coletivo de cordas” realizado na universidade de Goiânia do ano de 2005, quanto Liu Man Ying em sua dissertação “O ensino coletivo direcionado no violino”, realizado no ano de 2007 na universidade do Estado de São Paulo, destacam o método Jaffé para ensino coletivo de cordas como o mais eficiente. Ying (2007) em sua dissertação traz um levantamento sobre os mais importantes métodos de ensino coletivo e as principais escolas de São Paulo onde os métodos são aplicados.

Podemos encontrar alguns artigos publicados no XX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), relacionados ao ensino coletivo de instrumento. Relatos de experiência de oficinas de instrumento como o trabalho do estudante Jonathan Lima Ângelo (2011, p. 1866) mostra que a motivação dos alunos das oficinas de violão ministradas por ele vem se intensificando a cada dia devido à convivência em grupo durante as aulas e que o ensino coletivo torna-se então uma importante ferramenta na questão social a partir da troca de vivências. Segundo Cruvinel (2005) o estudo da música por meio do ensino coletivo, proporciona entre outros ganhos, a democratização do acesso do cidadão à formação musical. Ao mostrar seu trabalho de ensino coletivo de instrumento em sua oficina de percussão, o pesquisador Adriano Azevedo da Silva (2011, p. 1571) ressalta também que a prática instrumental coletiva possibilita importante interação social, exercendo um papel importante no processo de aprendizagem musical.

Já sobre ensino coletivo de flauta transversal, foi encontrado apenas um artigo que abordasse este tema. O professor e pesquisador José Benedito Viana Gomes (2010, p. 794) em seu artigo “Aulas coletivas de instrumento como fator de motivação para o desenvolvimento da execução musical de flautistas em curso de graduação” fala sobre a motivação em alunos, do curso de graduação da Faculdade de Música do Espírito Santo nas aulas coletivas de flauta transversal. Neste artigo, o autor ressalta também, que “há necessidade do desenvolvimento de um maior número de materiais didáticos baseados na metodologia para o ensino coletivo para flauta transversal, seja por meio da

elaboração de métodos tradicionais para o estudo coletivo ou por meio de métodos tecnológicos alternativos.” (2010 p. 798)

Sobre o ensino de flauta transversal, podemos destacar ainda alguns artigos encontrados nesta área, como o artigo da Larena Franco de Araújo e Sérgio Arza Barrenechea (2007, p. 1) que falam sobre o ensino deste instrumento e desenvolvimento técnico do flautista através do choro. Baseados em um estudo comparativo da literatura tradicional de estudos e exercícios técnicos para flauta e análise dos choros, os pesquisadores argumentam sobre a possibilidade de que os principais aspectos técnicos da flauta sejam trabalhados através do choro. Araújo e Barrenechea (2007, p. 2) trazem um pensamento que julgo ser pertinente quanto ao estudo de flauta transversal no Brasil:

O repertório técnico da escola tradicional de flauta é extremamente distante da realidade brasileira. Essa literatura é, em geral, selecionada com base no modelo dos antigos conservatórios europeus, cuja a sistematização curricular e rigidez acadêmica tem, progressivamente, se tornado cada vez mais distante da realidade atual do ensino musical no Brasil.

Também na área do ensino de flauta transversal foi encontrada a dissertação de mestrado de Ligia Borges Silva (2011) onde a pesquisadora faz uma comparação do aprendizado da flauta transversal entre adultos e crianças e concluiu que, ao término de doze aulas, estes dois grupos de alunos apresentam diferenças notáveis no nível de comportamento, de motivação, de expectativa e de disponibilidade.

No campo da educação musical é significativo o número de instituições de ensino que utilizam as aulas coletivas de instrumento. Cruvinel (2004, p. 68) acredita que o ensino coletivo seja um meio eficiente de democratização da prática instrumental. A autora ainda afirma que “ao longo da história brasileira, o acesso do cidadão comum à educação musical formal tem sido negado e por vezes, é excluído das salas de concerto, ora por razões econômicas, ora pelo total desconhecimento de que exista música fora da mídia” e assim conclui que:

Através do ensino coletivo de instrumentis musicais tenta-se suprir a carência de formação musical do cidadão brasileiro, que não pertence a elite. A partir deste enfoque o ensino coletivo passa a ser considerado como uma importante ferramenta para o processo de democratização do ensino de música. (CRUVINEL, 2004, p. 69)

Por este motivo acredito que muitos projetos sociais buscam, através de oficinas de música, dar acesso à iniciação musical aos moradores de comunidades e causar assim, a inclusão social através da educação musical e para que se atinja o maior número possível de pessoas, estes projetos utilizam como recurso as aulas coletivas.

As aulas coletivas de instrumento não estão presentes apenas em projetos sociais. Podemos encontrar esta metodologia dentro de cursos de licenciaturas de algumas universidades. O professor e clarinetista José Alessandro Gonçalves da Silva(2007, p.1-8), apresentou em seu trabalho “O Ensino Coletivo de Instrumento de Sopro como Disciplina da Grade Curricular de Um Curso de Licenciatura em Música” a sua experiência com uma turma coletiva de sopros composta por vinte alunos do curso de licenciatura em música da UFScar (Universidade Federal de São Carlos) e que tinham esta atividade como uma disciplina do curso de licenciatura. O objetivo desta disciplina era preparar os alunos para atuarem como futuros instrumentistas e coordenadores de grupos musicais bem como, orienta-los para a formação musical na área do ensino coletivo de instrumentos. Este grupo de alunos era composto pelos seguintes instrumentos: flauta transversal, flautim, oboé, fagote, clarinetes, saxofones, trompas, trompetes trombones, tuba. Acho importante ressaltar também, que alguns alunos participantes desta disciplina já tinham experiência com instrumentos, porém outros estavam tendo seu primeiro contato com os instrumentos escolhidos.

Penso que, esta disciplina oferecida no curso de licenciatura em música da UFScar é extremamente importante pois assim, ao ingressar no mercado de trabalho, o profissional estará melhor preparado e será capaz de lidar com as diversidades encontradas em turmas coletivas de instrumento como também ser crítico e competente em seu trabalho. A professora Tourinho (2003, p.53) ao pesquisar sobre a formação de professores para o ensino coletivo de instrumentos diz que “a formação de mão de obra, de agentes multiplicadores em aulas de instrumento em grupo é tão importante quanto, pesquisar materiais e construir um programa.”

Aqui no Rio Grande do Sul podemos citar como exemplo de ensino coletivo em universidades o curso de licenciatura em música da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) onde os alunos escolhem estudar ou violão ou flauta doce e as aulas de instrumentos são sempre coletivas. Acredito que da mesma forma que nos projetos sociais, nas universidades, as aulas coletivas fazem com que um maior número de

alunos seja atendido e também que o professor possa abordar assuntos que sejam de interesses em comum dos alunos. A energia despendida em uma aula coletiva pode vir a ser maior do que em uma aula individual como ressalta Tourinho (2002, p. 3) ao comentar que “as aulas coletivas exigem muita concentração e dedicação, pois o professor deve estar atento a todos os alunos simultaneamente”.

Enfim, segundo todos os trabalhos apresentados neste capítulo e pesquisas lidas para o desenvolvimento desta pesquisa, posso concluir que o ensino coletivo de instrumentos esteja cada dia mais consolidado. No entanto, para que haja um crescimento deste método é necessário que professores e pesquisadores interessados neste tema se preocupem em compartilhar suas experiências. Acredito que neste ponto o ENECIM é de extrema importância para a difusão destes trabalhos.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem como objetivo fazer uma análise dos materiais coletados para a pesquisa durante os meses de agosto e setembro de 2012 a fim de entender qual a importância das aulas coletivas de flauta transversal para os jovens participantes desta oficina. Para esta análise farei uso das entrevistas semiestruturadas realizadas com os alunos e do diário de campo onde constam as minhas anotações e reflexões sobre dez encontros das aulas coletivas. Embora os dados coletados tenham sido registrados entre os meses de agosto e setembro de 2012 eu, como professora da oficina, possuo registro da mesma desde abril de 2012 e que também serão utilizados para o desenvolvimento deste capítulo.

Procurei através das entrevistas, entender qual a importância das aulas coletivas na aprendizagem musical dos alunos e como eles se sentiam com a presença dos colegas nas aulas. Para isso, a partir da leitura destes materiais organizei tópicos de assuntos para melhor compreensão do tema. Em um primeiro momento achei importante conhecer o perfil e a experiência musical dos entrevistados, para que me ajudassem a compreender possíveis diferenças de aprendizagem.

4.1 PARTICIPANTES DA OFICINA

A oficina de flauta transversal contou inicialmente com a participação de seis alunos. No entanto, uma das alunas não comparecia as aulas com frequência, assim, optei por não contar com esta aluna para a entrevista e análise dos dados. Sendo assim, a oficina era composta por cinco participantes. Todos os alunos eram moradores do bairro Morada do Vale I, na cidade de Gravataí, Rio Grande do Sul. A Morada do Vale é um dos maiores bairros de Gravataí, dividindo-se em Morada do Vale I, II e III. O bairro é constituído por casas simples e alguns moradores são trabalhadores das indústrias pertencentes ao polo industrial de Gravataí.

Destes cinco alunos, quatro eram meninas e um menino, com idade entre 10 e 16 anos e ao observar as oficinas oferecidas pelo SESI no mesmo local, pude perceber

que os meninos, em geral, optavam pelas oficinas de percussão e violão, pois eles achavam a flauta um instrumento muito delicado e acreditavam que instrumento para meninos deveriam ser aqueles de grande impacto sonoro como bateria, bumbo e caixa clara. Muitos meninos procuravam as oficinas com o intuito de montar uma banda com seus amigos e aí surgia o interesse por estudar violão e bateria.

No capítulo da abordagem metodológica deste trabalho, trouxe um quadro com alguns dados dos participantes e ao observar a idade dos jovens, podemos notar uma diferença grande de faixa etária. Para a aluna mais nova, Vera (10 anos), parecia ser mais importante a convivência com os colegas, do que o conhecimento e o conteúdo musical visto nas aulas. Muitas vezes não conseguia realizar as atividades propostas, mas também não se mostrava preocupada com isto porque a convivência com os colegas, todos mais velhos, parecia ser mais importante. Este fato fazia com que ela se sentisse mais adulta. Já Raquel (16 anos), tinha alguns objetivos bem claros. Pensava em fazer vestibular para música e por isso sabia da importância das aulas. Ela se mostrava muito interessada e preocupada em entender todo o conteúdo que fosse visto nas aulas. Muitas vezes trazia para as aulas dúvidas, tais como aspectos da grafia musical que surgiam nos seus estudos diários e pedia materiais extras de teoria para estudar em casa.

Os demais alunos Fabiano (14 anos), Fátima (12 anos) e Vanessa (11 anos), eram bastante semelhantes em seus comportamentos. Havia neles, a preocupação em aprender a tocar o instrumento, mas não deixavam de lado as brincadeiras, o que muitas vezes deixavam as aulas mais descontraídas. A aprendizagem do instrumento para eles parecia ser apenas uma brincadeira. Estabeleciam competições para ver quem era o melhor. Isso ficava bem claro quando, antes de iniciar a aula, eles montavam o instrumento rapidamente e ficavam tocando e estabelecendo comparações de quem estava conseguindo realizar determinado exercício com mais agilidade. Em relação a este tema Cruvinel (2005, p.79) traz como exemplo a fala de Moraes, (1995) o qual acredita que “a competição, em sua expressão mais natural é saudável, pode trazer estímulo extra para um aprendizado mais rápido e de melhor qualidade.”

Também acho importante ressaltar a experiência musical dos participantes. No quadro apresentando anteriormente vimos que cada aluno teve a sua iniciação musical em um momento diferente. Todos os alunos desta oficina tiveram a flauta doce como

instrumento de iniciação musical, porém por terem idades diferentes, cada participante tinha uma vivência musical. Alguns alunos participavam do projeto antes mesmo da minha chegada. O aluno que estava há mais tempo no projeto era Fabiano (14 anos) que estudava música desde 2006. Fabiano tinha dificuldades para ler partitura ainda, porém, tinha muita facilidade para reproduzir as músicas depois de ouvi-las algumas vezes. Ana (10 anos) havia entrado no projeto no ano de 2008, com apenas 6 anos de idade e Fátima (12 anos), Raquel (16 anos) e Vanessa (11 anos) entraram no projeto no ano de 2009.

Sendo assim, a turma da oficina de flauta transversal era bastante heterogênea e mesmo todos os alunos tendo começado o estudar este instrumento no mesmo momento (abril de 2012) cada jovem teve o seu desenvolvimento com o instrumento de uma maneira. Acredito que isto tenha ocorrido, principalmente pelo fato dos alunos terem diferentes idades e vivências musicais.

4.2 DINÂMICA DAS AULAS E METODOLOGIA

Depois de conhecer um pouco do perfil dos participantes da oficina de flauta transversal, procurei, através da entrevista semiestruturada, entender o que os alunos pensavam sobre a estrutura das aulas, isto é, a duração e o desenrolar das aulas bem como a contribuição dos colegas através da convivência nas mesmas.

Os encontros ocorriam duas vezes por semana com duração de uma hora cada aula. Normalmente a primeira aula da semana, ocorria na terça-feira e este era o momento onde eram apresentados, aos alunos, os conteúdos novos. O segundo encontro da semana, ocorria na quinta-feira e funcionava como uma revisão dos conteúdos passados anteriormente. Neste espaço de tempo o formato da aula era mais ou menos dividido em três partes: no primeiro momento era feita uma revisão do conteúdo visto na aula anterior, a seguir era apresentado para os alunos algum exercício novo relacionado com o conteúdo que vinham aprendendo e no terceiro momento colocávamos em prática o conteúdo que havia sido visto. Segundo Cruvinel (2005, p.75) este formato de aula “é chamado de estudo dirigido e é dividido em três partes: a

revisão, a informante e a aplicação. Cada aula possui, desta forma, a seguinte estrutura didática”. Para explicar seu pensamento Cruvinel cita Enaldo Oliveira (1998, p. 16):

Revisão: nesta parte da aula o professor deve realizar uma recapitulação dos assuntos abordados anteriormente; Informante: nesta etapa, o aluno é exposto a um novo problema técnico ou novos materiais a serem desenvolvidos; Aplicação: esta é a fase de treinamento em que o aluno aplica e estuda as informações adquiridas na fase anterior. Esta é a grande diferença entre o design pedagógico das aulas em grupo e as aulas individuais, pois aqui se realiza o estudo dirigido.

Ao serem questionados sobre o tempo de duração das aulas os alunos se mostraram insatisfeitos. Eles achavam que para uma turma com tantos alunos a aula deveria ser mais longa, pois a convivência com os colegas nas aulas fazia com que o tempo passasse mais rápido. Raquel diz que *“essas aulas que são em grupo, acho que poderia ser mais até por que a gente já vai ta em grupo, então uma hora a gente vai ta tocando vai esquecer do tempo e se vai né.”* (caderno de entrevistas, p.3). Já a aluna Vanessa sugeriu: *“Acho que poderia ser... vamos supor, quinta-feira duas ou uma e meia, Como é mais próximo do fim de semana.”* (caderno de entrevistas, 2012, p.1).

Acredito que, para aulas coletivas de instrumentos o tempo de aula destas oficinas de flauta transversal não era o suficiente. O tempo passava muito rápido e era necessário contar sempre com a dedicação dos alunos para arrumar a sala e afinar os instrumentos rapidamente, porém nos dias em que os alunos estavam mais agitados despendia-se muito tempo até organiza-los e acalma-los, assim um pedaço do tempo da aula, que já era curto, era gasto com estas atividades. Os alunos algumas vezes, por perceber que o tempo de nossas aulas era limitado, pareciam disputar a minha atenção com suas dúvidas. Vanessa (11 anos), por exemplo, sempre era voluntária para qualquer atividade e se houvesse algum exercício individual ela levantava a mão prontamente para participar.

Penso que para esta turma de flauta transversal a duração ideal das aulas seria duas vezes por semana e uma hora e meia cada aula. Cruvinel (2005,p.77) (apud Oliveira, 1998) diz que a carga horária ideal é a de três aulas por semana e três horas cada uma. Cruvinel (2005,p.77) também traz o ponto de vista de Galindo (2000) em relação a duração das aulas, e este por sua vez afirma *“que a carga horária deve ser de no mínimo duas vezes por semana, uma hora e meia cada aula.”*

4.3 MATERIAIS E CONTEÚDO

Acredito que umas das maiores dúvidas de um professor com uma turma de ensino coletivo seja o material que ele utilizará nas aulas. Para os instrumentos de cordas como, violino, viola, violoncello, encontram-se alguns materiais organizados pelo professor brasileiro Alberto Jaffé. Já para os instrumentos de sopros encontramos o trabalho do professor Joel Barbosa com o seu “Método Da Capo”. Porém tanto o método de Alberto Jaffé quanto o de Joel Barbosa são métodos para trabalhar mais de um instrumento nas aulas coletivas, o que não era o meu caso, pois estava trabalhando apenas com a flauta transversal e tão pouco havia perspectiva de implantar novos instrumentos nas oficinas.

Tendo em vista que não havia materiais prontos para o desenvolvimento das aulas coletivas de flauta transversal, achei que o mais eficaz seria eu mesma observar o desenvolvimento de cada aluno na turma e preparar os exercícios necessários para a aprendizagem dos jovens. Tracei objetivos para os primeiros seis meses de aula, mas logo na primeira aula percebi que eu teria que ser bastante flexível, pois o ritmo da aula coletiva seria bem diferente da aula individual. Nas primeiras aulas, por exemplo, os participantes tinham dificuldade para montar o instrumento e isso fazia com que fosse necessário eu ajudar os alunos individualmente.

Ao decorrer das aulas os alunos estudaram os conhecimentos técnicos básicos da flauta transversal, como postura, digitação, articulação e respiração adequada para execução do instrumento, bem como, participaram de atividades de apreciação musical através da escuta de CDs gravados por renomados flautistas como Jean Pierre Rampal, demonstrando as possibilidades de utilização deste instrumento em diversos repertórios. Esta prática de audição era feita ao final da aula, porém, devido ao curto tempo das aulas, foi feita apenas duas vezes. A aluna Raquel, algumas vezes mencionava ter escutado o som da flauta transversal em músicas da banda “Chimaruts” que costumava ouvir em casa e isto parecia deixar a aluna estimulada para aprender a tocar o instrumento.

Além do instrumento musical, em alguns momentos pudemos abordar outros assuntos musicais como por exemplo, teoria e percepção musical, pois as aulas de

ensino coletivo não devem ser apenas um trabalho dedicado para a técnica instrumental mas devem também ajudar o aluno a absorver esses elementos da linguagem musical, dentro da realidade em que se encontram, com as diversas manifestações musicais que são oferecidas através de repertórios variados.

Nas aulas, foi feito o uso de materiais tradicionais para as aulas individuais de flauta transversal como por exemplo, “Method for the boehm flute” de Henri Altès, “Iniciacion a la flauta” de Trevor Wye e o “Método prático para iniciantes” do professor brasileiro Celso Woltzenlogel, a fim de observar o efeito dos exercícios propostos e as possibilidades que cada atividade oferecia. Em alguns momentos foi necessário criar alternativas de execução desses materiais para ajudar nas dificuldades individuais e coletivas da turma. Foi sempre levada em consideração as diferenças e semelhanças dos participantes estimando que estas diferenças pudessem contribuir para o aprendizado individual, uma vez que os alunos tomam como modelo também os seus colegas.

Nas entrevistas perguntei aos alunos o que eles haviam achado dos exercícios trabalhados durante as aulas. Todos eles tiveram uma resposta positiva quanto à eficácia do material. A aluna Raquel disse que para ela foi *“Bem legal, bem bom de aprender, é bem legal, dá vontade assim de aprender, de tocar de ensaiar em casa.”*(caderno de entrevistas 2012, p.3) A aluna Vanessa também foi bastante positiva: *“São bem bom para quem tá começando. Tá bem no nível.”*(caderno de entrevistas 2012, p.1)

Procurei aproveitar a turma coletiva de flauta transversal para trabalhar exercícios e músicas com mais de uma voz. Para isso utilizei duos, as vezes adaptados a trios, de melodias simples, tais como “Pequeno tema” Mozart, encontrado no método do professor Woltzenlogel, que fossem conhecidas ou não dos alunos mas que pudessem fazer com que todos sentissem sua importância diante do grupo. Porém, precebi que, quando tocávamos músicas que já fossem do repertório deles, os alunos mostravam maior interesse.

Por fim, acredito que, por mais que existam métodos prontos para turmas de ensino coletivo de instrumento, o professor sempre terá a necessidade de fazer adaptações de atividades para suas turmas. Penso também que, o desenvolvimento de atividades onde todos os alunos participem seja extremamente importante, pois para mim, nas aulas coletivas de instrumento o aluno deve sempre se sentir parte integrante do grupo para que se sinta estimulado a aprender o instrumento.

4.4 VANTAGENS DO ENSINO COLETIVO

Em determinado momento da entrevista questionei se os alunos gostavam de ter aulas de flauta transversal com os colegas. Raquel respondeu: *“Eu gosto bastante... Ah é legal assim, não ta sozinha, compartilhar assim com os outros, ta junto assim, no meio dos outros. Eu também acho legal a música em grupo, mas as vezes também prefiro ta tocando sozinha.”* (caderno de entrevista, p.3)

Vejo através desta fala de Raquel, que as aulas coletivas geraram nos alunos certo estímulo ao perceber que mesmo sendo iniciante no instrumento é possível fazer música e se sentir integrante de um grupo. Segundo Cruvinel (2005,p.78):

O aprendizado musical é agradável pelas seguintes razões: o aluno percebe que suas dificuldades são compartilhadas pelos colegas, evitando desestímulos; o aluno se sente logo no início dos estudos, participante de uma orquestra ou de um coral e, ao conseguir executar uma peça, sua motivação aumenta; o aspecto lúdico do ensino coletivo (desde que bem direcionado pelo professor) torna-se uma poderosa força, auxiliando um aprendizado seguro e estimulante; e por fim, a qualidade musical no estudo em grupo é muitas vezes superior se comparado ao individual, contribuindo para que o processo de aprendizagem seja acelerado.

Ainda neste comentário de Raquel, conseguimos perceber que a aluna se sente satisfeita por fazer música em grupo e gosta do resultado sonoro. A primeira vez que tocamos uma música a duas vozes, ao terminar de tocar, os alunos se mostraram muito contentes e Raquel pareceu surpresa com o resultado: *“Nossa sora, fica muito mais bonito, quando a gente toca assim coisas diferentes”* (caderno de observações, p. 2) Trago esta citação de Cruvinel (2005 p.79), para ressaltar que o resultado sonoro do grupo seria outro fator de estímulo uma vez que é mais agradável que o resultado sonoro individual.

Já Fabiano, ao ser questionado sobre a convivência com os colegas nas aulas disse: *“Gosto, por que Fátima é engraçada e eles (os colegas) são engraçados e divertidos”*. Tu achas que tu aprendes mais? *“Sim (risos), por que eu colo deles... quando eu não sei como fazer eu fico olhando os dedos deles as vezes.”* (caderno de entrevistas 2012, p.1)

Nesta fala de Fabiano consigo perceber que o aluno sentia-se estimulado com a presença dos colegas nas aulas e o clima de descontração fazia com que ele se sentisse a vontade. Segundo Cruvinel, (2005, p.95) ao entrevistar professores que atuam com o ensino coletivo, a pesquisadora mostra que a interação entre os alunos, o despertar da socialização e o ambiente lúdico provocado por esta interação, entre outros, são alguns aspectos destacados pelos educadores musicais como vantagens do ensino coletivo. Assim como Fabiano relatou que gostava de ter aulas com os colegas, pois achava eles engraçados, todos os alunos sempre interagiam com muita facilidade e o clima das aulas era descontraído e divertido. Desta forma acredito que o ensino coletivo proporciona aulas mais dinâmicas e animadas muito diferente de aulas individuais que carregam, por natureza, um ar de seriedade.

Também pude compreender através da fala do aluno que em suas dificuldades sentia-se amparado ao notar que conseguia encontrar nos colegas respostas para suas dúvidas e que tinha como exemplo para sua aprendizagem, não apenas eu, mas também seus colegas. Penso que neste ponto a aula coletiva tenha sido importante, pois não apenas Fabiano, mas toda a turma estava aprendendo a tocar o instrumento vendo e ouvindo seus colegas e talvez em alguns momentos não tendo um colega como espelho a aprendizagem tornar-se-ia mais difícil.

Com certa frequência, percebia durante as aulas os alunos incentivando-se uns aos outros. Lembro-me claramente de uma aula em que Vanessa (10 anos) estava com dificuldade para tocar as notas mais agudas do instrumento e prontamente Raquel (16 anos) disse para a colega que não deveria preocupar-se, pois para ela aqueles exercícios tinham sido muito difíceis no começo porém depois, estudando em casa, conseguiu realizá-los. Na turma coletiva, diferentemente de aulas individuais, o aluno tem o incentivo não apenas do professor, mas também de todos seus colegas.

Segundo Cruvinel (2005,p.78) ao trazer as ideias de Galindo diz que:

São duas as principais vantagens do ensino coletivo de instrumento de corda: o maior estímulo por parte dos alunos com um conseqüente maior rendimento de seu desenvolvimento. Para ele, o estímulo está na interação do grupo, com o indivíduo observando, comparando e aprendendo com o grupo: o aluno observa que seus colegas têm as mesmas dificuldades e percebe que os problemas não são exclusivamente seus; muitas vezes, ao observar um colega, o aluno acha a solução para um problema seu.

De forma geral todos os alunos relataram ser positiva a convivência em aula com os colegas. Fica bastante evidente através das falas dos entrevistados que na opinião

deles, o fator que mais contribuiu para que as aulas transcorressem de forma positiva, foi a amizade cultivada por eles. A aluna Fátima quando foi questionada durante a entrevista sobre a presença dos colegas em aula disse: *“Gosto de ter aula com eles porque meus colegas são os melhores, são show e aula fica legal.”*

Embora os dados coletados para a pesquisa tenha ocorrido em apenas dois meses, minha convivência com os alunos já ocorria há praticamente dois anos e pude perceber que as aulas coletivas trouxeram mudanças não apenas no desenvolvimento musical dos alunos, mas também contribuiu para transformações de alguns fatores psicológicos deles.

Acredito que o ensino em grupo tenha possibilitado aos alunos o reforço de suas relações interpessoais. Os jovens aprenderam com o tempo sociabilizar os materiais, cooperar para o desenvolvimento das aulas, ter responsabilidade diante do grupo tendo consciência da importância das suas atitudes perante o todo, além do desenvolvimento do senso crítico. Podemos perceber isto na fala da aluna Vanessa (11 anos) que ao ser questionada sobre o que teria aprendido com os colegas durante as aulas de flauta transversal comenta: *“Acho que...aprendi a ter menos egoísmo, tipo quando algum colega esquecia o paninho, empresto...”* (caderno de entrevistas, p.1) Não apenas Vanessa, mas outros alunos na oficina costumavam ser individualistas com seus materiais. Acredito que todos os alunos tenham mudado um pouco neste ponto, mas talvez somente esta aluna tenha percebido esta mudança em si.

Cruvinel (2005, p.80) destaca as idéias de Galindo (1998) ao ressaltar que “o aprendizado musical em grupo e a consequente atividade de uma orquestra de estudantes favorecem os sentidos de socialização, responsabilidade e solidariedade.” Já pra a pesquisadora Taís Dantas (2011, p.658) que investigou as relações intrapessoais e interpessoais em aulas de música em grupo afirma que “nas interações ocorridas em sala de aula o aluno está constantemente realizando observações sobre si mesmo e sobre os outros. Através destes processos de avaliação, próprios e de terceiros, ele também vai construindo seu autoconhecimento.”

Outro fator relevante, quando falamos de vantagens do ensino coletivo, é a motivação dos alunos para realizar determinadas atividades. A partir de minha vivência como professora pude perceber que os alunos se mostram mais participativos ao realizar alguns exercícios em grupo do que em aulas individuais. O professor e pesquisador José Benedito Viana Gomes (2010) relatou sua experiência com aulas coletivas de flauta transversal em uma pesquisa desenvolvida com os alunos de graduação em flauta

transversal da Faculdade de Música do Espírito Santos e concluiu que “as atividades de aulas e os estudos coletivos de instrumento geraram uma motivação a ponto de promover uma melhor performance dos alunos”(2010,p. 798).

4.5 O GOSTO MUSICAL DOS ALUNOS

Embora a oficina de flauta transversal contasse com a participação de apenas cinco alunos, tínhamos nela uma diversidade de práticas e vivências culturais. Os alunos moravam todos pertos entre si e alguns até estudavam na mesma escola, porém, isso não fazia com que eles tivessem as mesmas preferências musicais. Pude perceber que eles tinham grande influência familiar nos seus gostos musicais e em alguns casos também tinham influência de suas religiões.

Fátima pertencia a uma escola de samba de Gravataí e sempre manifestou sua vontade de aprender a tocar na flauta as músicas que ouvia com seus amigos nos ensaios da escola. Ao ser questionada durante a entrevista sobre quais músicas ela gostaria de aprender nas aulas a aluna disse: “*Ah, eu gostaria de tocar mais, como eu gosto mais de samba, eu gostaria de tocar mais samba, tipo... ah sei lá... uns grupos aí bons.Tipo... Ah, como eu vou dizer, ah é grupo Sambô, grupo Revelação,...*”.(caderno de entrevistas, p.2) .No entanto, sempre que Fátima demonstrava, durante as aulas, sua vontade de tocar samba e pagode na flauta, seus colegas mostravam certo descaso e ao serem questionados se aceitariam aprender, diziam que sim mas não demonstravam empolgação.

Já Raquel não gostava de samba e parecia ter um repertório musical mais amplo que seus colegas. Sua identidade musical parecia ser mais consistente e parecia ser mais curiosa quanto a conhecer estilos novos. Durante a entrevista ela comenta sobre suas preferências:

É que tem um cara que toca numa banda de reegae que eu acho muito legal, então eu sempre tive muita vontade de tocar as músicas dele, que seria do Chimarruts né, mas de música também eu gosto muito dos Beatles, aí a música clássica eu acho muito linda, muito de mais. O nome da música é “Saber voar”, eu acho linda na flauta transversal, por que ela tem um solo né, e eu acho muito lindo... eu não conheço muito... aquela também... Era Bach né... como é que é o nome... aquela em sol maior... Minuetto em sol maior. (caderno de entrevistas, p. 4)

Sempre que possível eu procurava fazer com que os alunos trouxessem para as aulas as suas vivências musicais, pois além de fazer parte de seus cotidianos contribuiria

para o desenvolvimento do conhecimento musical dos colegas e para a formação da identidade musical de cada um. Mesmo com diferenças em seus gostos musicais, todos sempre se respeitaram e sempre se mostravam receptivos para conhecer o repertório dos colegas. Acredito que dialogar com diversas manifestações artísticas pode contribuir para a troca de experiências e assim, ampliar o universo cultural dos alunos. Neste sentido Penna (2008, p.93) defende que:

Uma educação musical que contribua para a expansão-em alcance e qualidade- da experiência artística e cultural de nossos alunos cabe adotar uma concepção ampla de música e arte que, suplantando a oposição entre popular e erudito, procure aprender todas as manifestações musicais como significativas- evitando, portanto, deslegitimar a música do outro, através da imposição de uma única visão.

Penso que além de aprender a respeitar o espaço do próximo, atividades em sala de aula que valorizem as diferenças, possa ser um passo inicial para a formação de futuros cidadãos desprendidos de pré-conceitos.

4.6 DESAFIOS DO PROFESSOR

Como tive toda minha formação instrumental através de aulas individuais, iniciar uma turma coletiva de flauta transversal já foi um grande desafio. Não tinha experiência com mais de um aluno em sala de aula e tão pouco achava que poderia dar certo. Nas primeiras aulas, sentia que toda minha energia era investida nas aulas com o intuito de passar algum conhecimento para os alunos e a sensação ao final do dia era de que nada tinha sido feito. Os alunos mostravam-se sempre muito empolgados, querendo aprender muito mais do que era proposto para a aula, porém muitas vezes era necessário conter esta empolgação para que a aula fluísse e para que conseguíssemos realizar algo no tempo estipulado.

O aluno iniciante muitas vezes, por não ter ideia das dificuldades técnicas do instrumento, deseja tocar o quanto antes músicas que ainda não estão ao seu alcance técnico. No caso da aula coletiva, são vários alunos, cada um com uma quantidade significativa de empolgação querendo tocar diversas músicas de diversos estilos. Porém,

acredito que se o professor souber lidar com este entusiasmo inicial dos alunos, ele pode usá-lo como um aliado para fazer a turma evoluir mais rapidamente.

Depois do desafio inicial, de controlar os ânimos dos alunos e tentar mostrar para eles que tudo acontece a seu tempo, o que começou a pesar foram as diferenças pessoais e psicológicas de cada aluno. Nenhum ser humano é igual ao outro, sendo assim alguns tem mais habilidades em determinadas áreas que os outros. Por isso, o desenvolvimento de cada aluno não é o mesmo, cada um desenvolve-se da sua maneira ao seu tempo e é necessário que o professor saiba respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno. Por isso, acredito que uma turma de ensino coletivo, dificilmente conseguira se tornar uma turma homogênea.

Contudo, esta heterogeneidade não deve ser encarada como um problema para o professor. Precisamos perceber que os alunos se diferenciam em vários aspectos e não apenas musical e isso pode ajudar para que o professor trabalhe em aulas temas que os ajudem a desenvolver-se como cidadãos. A pesquisadora Tais Dantas (2011, p.659) afirma que,

A aprendizagem musical em grupo, seja ela realizada numa aula coletiva de instrumento ou qualquer outro grupo, proporciona aos alunos a oportunidade de se depararem com a heterogeneidade, fazendo com que se confrontem com a realidade do outro a todo o momento, pois cada aluno traz consigo sua história e sua cultura que é compartilhada com os demais.

Além destes fatores já apresentados anteriormente, destaco na citação acima o aspecto do compartilhamento de diferentes histórias e culturas. Cada aluno desta turma trazia consigo a sua história e seu conhecimento e quando compartilhado com os colegas contribuía para o crescimento de todos.

Enfim, acredito que, mesmo com tantas dificuldades consegui, através das aulas de flauta transversal, contribuir a para o crescimento musical dos alunos. É preciso ter consciência e paciência que nem todos os alunos acompanharão o ritmo das aulas e que o desenvolvimento das atividades em sala de aula pode vir a ser mais lento do que em uma aula individual, no entanto é preciso respeitar o individual de cada aluno mesmo em uma aula coletiva.

4.7 POSSIBILIDADES DE TRABALHO

O professor de uma turma coletiva de instrumento, muitas vezes acaba inventando e improvisando atividades para conseguir atingir todos os níveis de conhecimento encontrado na turma. No meu caso não foi diferente. Ao perceber que não seria fácil encontrar materiais desenvolvidos para este tipo de ensino, pensei então, que eu deveria criar minhas atividades para fazer com que todos os alunos participassem das aulas e tornasse as aulas interessantes para todos, mesmo aqueles com mais dificuldade.

Procurei explorar atividades que em uma aula individual não ocorreria. Trabalhei músicas e exercícios com mais de uma voz e percebi que os alunos se sentiram muito motivados. Todos eles pareciam ficar encantados com o resultado sonoro das músicas. Além do estímulo causado nos alunos, tocar músicas com mais de uma voz ajuda a desenvolver o ouvido harmônico do aluno e contribui para a melhora da afinação. Segundo Cruvinel (2005, p.97):

Quando o aluno estuda sozinho, se ele não possui sonoridade agradável nem afinação razoável, ele pode se sentir desestimulado por não possuir ainda condições para um desempenho musical satisfatório, dentro de sua expectativa. (Cada pessoa possui um modelo pessoal, almejado de acordo com seus padrões estéticos.) Por isso a sonoridade no ensino em grupo é mais agradável, estimulando os alunos.

Portanto, penso que, diferentemente de aulas individuais, o ensino coletivo possibilita trabalhar a harmonia de uma música, de forma que contribua para o desenvolvimento musical do aluno e sirva como estímulo, uma vez que o aluno ouve e percebe que ele tem uma função específica na música.

Em uma turma coletiva de instrumentos acabamos encontrando uma grande diversidade cultural, tanto de conhecimentos como de experiência por parte dos alunos. Como relatei anteriormente a turma era composta por alunos com diferentes gostos musicais, porém isto contribuiu para o crescimento cultural dos alunos a partir do momento em que todos se respeitavam e se mostravam abertos para conhecer os gostos dos outros. Eu procurava sempre fazer um diálogo entre os valores e as culturas de cada um da turma e em determinado momento todos tinham a oportunidade de expor sua

realidade cultural. Ivone Mendes Richter (2008, p.106) ao falar da principal característica da educação intercultural diz que,

[...] reside em considerar a diversidade um recurso e uma força para a educação, em vez de um problema. Ela reconhece similitudes entre grupos, no lugar de salientar as diferenças, promovendo o cruzamento cultural das fronteiras entre grupos culturais [...]

Sendo assim, penso que apesar de algumas dificuldades que o ensino coletivo possa nos apresentar, as aulas coletivas de instrumento trazem algumas possibilidades de ensino não encontradas em aulas individuais tanto para o aluno quanto para o professor. Acredito também que, a diversidade cultural seja talvez um dos maiores contribuidores para a aprendizagem musical e para o crescimento pessoal dos alunos.

5.CONCLUSÃO

Durante os dois últimos anos que venho trabalhando com o ensino coletivo de instrumentos musicais e através da análise dos dados deste trabalho, posso concluir que as aulas coletivas de flauta transversal, ministradas por mim, trouxeram aos participantes novas vivências e oportunidades de aprendizagem tanto musical quanto social. Os alunos puderam através da vivência com os colegas não apenas aprender a tocar um instrumento, mas também conviver de forma harmônica respeitando o espaço do outro e aos poucos também conhecendo os colegas e a si próprio.

Através desta pesquisa observei que as aulas coletivas de instrumentos mostraram um resultado musical rápido para os alunos, em poucas aulas todos já conseguiam tocar as primeiras notas no instrumento e isto fez com que jovens se sentissem motivados a estudar. Também pude perceber que o ensino coletivo de flauta transversal proporcionou aos alunos maior interação entre eles, contribuindo, assim não apenas para o desenvolvimento social dos mesmos, mas também no processo de aprendizagem musical uma vez que todos se ajudavam, se observavam e se avaliavam mutuamente. A troca de experiências e a interação que ocorreu nesta aula coletiva foram indispensáveis para o bom desenvolvimento dos alunos diante do instrumento.

Pude perceber, através de minhas aulas e de conversas com colegas que atuam nesta área, que uma turma de ensino coletivo de instrumento sempre é um desafio para qualquer professor. Mesmo que o profissional tenha vasta experiência, as aulas coletivas são bem diferentes de aulas individuais e, mesmo com todo o preparo e planejamento para o desenvolvimento de atividades, em uma turma coletiva é difícil prever como a aula ocorrerá. Portanto, penso que trabalhar com turmas coletivas de instrumento faz com que o professor esteja atento e a todo o momento criando e recriando maneiras de atender as necessidades de aprendizagens dos alunos.

Acredito que o objetivo do projeto Oficinas Culturais SESI-Música, é dar acesso à música ao maior número de pessoas da comunidade do bairro Morada do Vale I e trabalhadores da indústria e, por isso, optaram pelas aulas coletivas neste projeto. Já eu como professora, tinha por objetivo não apenas dar oportunidade de novas aprendizagens para estas pessoas como também estava preocupada inicialmente com o desenvolvimento e aprendizagem musical de cada aluno. Ao longo do tempo pude

perceber que as aulas coletivas de flauta transversal não estavam apenas desenvolvendo estes jovens musicalmente, mas também estavam contribuindo para o amadurecimento deles como pessoa.

Busquei, desde o início das aulas, desenvolver uma relação de confiança com os alunos, pois acreditava que, assim, conseguiria me aproximar deles e conhecer cada um individualmente. Para mim, como professora, é muito importante saber, compreender e respeitar as vivências dos alunos, pois só assim conseguiremos contribuir para a formação deles, tanto musical quanto social. Acredito que eu tenha alcançado este objetivo, quando, depois de certo tempo de convivência os alunos me procuravam no final das aulas para conversar sobre seu dia. Estabeleci com eles uma relação de amizade e acredito que isto tenha contribuído para o bom funcionamento e desenvolvimento das aulas. Esta proximidade que eu tinha com os alunos também contribuiu para a realização desta pesquisa, pois, quando disse a eles que precisaria da ajuda deles para realizar meu trabalho, todos disseram que contribuiriam com o que fosse preciso.

Além de todas as vantagens vistas nesta pesquisa que o ensino coletivo de instrumentos pode trazer para os estudantes, penso que as vantagens não são apenas dos alunos, mas também dos profissionais que estão diante de uma turma coletiva de instrumento. Pude perceber que tanto eu quanto meus colegas, que trabalhavam com esta metodologia, fomos beneficiados. Muitas vezes, preparávamos materiais para as aulas tais como arranjo de músicas que atingissem o nível de todos os alunos da turma, além disso, estávamos em constante troca de materiais e de idéias que fossem possíveis. Logo isto fazia com nós estivéssemos o tempo todo atento a todas as possibilidades e nos atualizando sobre materiais para esta metodologia. Pra mim, o professor deve ser um constante pesquisador e estar em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento para que possa conseguir futuramente formar melhores cidadãos.

Na introdução deste trabalho trouxe um pouco da minha história com a música. Assim como, eu muitos colegas formados em bacharelado em música são professores de música e muitos ainda são provenientes de uma formação instrumental exclusivamente individual. Penso que, com o crescimento que o ensino coletivo de instrumento tem tido nas últimas décadas no Brasil, futuramente teremos no mercado de trabalho os alunos de hoje e estes provavelmente estarão melhores amparados quanto a esta metodologia

de ensino. Porém, penso que é necessário que, neste momento de desenvolvimento desta metodologia, atividades como o ENECIM sejam de extrema importância para a contribuição do aprimoramento deste método.

Tendo em vista isto, penso que, é necessário que haja uma preocupação com a formação do profissional que irá atuar nesta área de ensino. Mesmo que futuramente tenhamos atuando no mercado de trabalho alunos iniciados no ensino coletivo é importante que estejamos atentos à formação pedagógica destes profissionais. Penso que deve haver uma preocupação maior das instituições de ensino e deve-se criar disciplinas que ajudem a preparar estes profissionais a atuarem com turmas de ensino coletivo, pois é evidente a pouca familiaridade de alguns profissionais atuantes e futuros professores com o este tema. No entanto, alguns trabalhos já vêm sendo realizados, cito como exemplo o trabalho da professora Tourinho que prepara os alunos do curso de graduação em violão para atuar em oficinas deste instrumento do curso de extensão da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e o trabalho do professor Silva desenvolvido na UFScar na disciplina de instrumento coletivo, relatado na revisão de literatura deste trabalho.

Esta pesquisa foi realizada com alunos que estavam começando a aprender a tocar flauta transversal e esta metodologia se mostrou bastante eficiente para a turma uma vez que em seis meses de aula os alunos já conseguiam tocar algumas músicas no instrumento. Porém, questiono-me se este método seria eficiente para alunos com técnicas avançadas no instrumento. Alguns professores universitários utilizam o recurso das aulas coletivas em seus cursos de bacharelado em música, porém fazem uso desta metodologia como um auxílio para as aulas individuais, onde podem trabalhar nelas assuntos relacionados ao instrumento que sejam de interesse de todos da turma, e continuam dando preferência para as aulas individuais.

Tendo em vista que, durante as aulas de flauta transversal, cada aluno apresentou um desenvolvimento com o instrumento, acredito que futuramente, talvez dentro de dois anos, os alunos desta turma de ensino coletivo estivessem em níveis de aprendizagem bem diferentes. Acredito que uma das possibilidades para que continuassem tendo aulas coletivamente fosse fazer dois grupos com menos alunos, assim, todos os alunos poderiam continuar evoluindo sem perder as vantagens que o ensino coletivo pode oferecer.

Sendo assim, podemos perceber que a aula coletiva de instrumentos musicais foi uma metodologia que trouxe resultados positivos para esta turma de ensino coletivo de flauta transversal, contribuindo para o crescimento musical dos alunos e dando acesso à música aos participantes de forma democrática. Espero que futuramente possamos encontrar um número maior de materiais desenvolvidos para esta metodologia bem como professores e pesquisadores engajados em discutir e implementar de forma eficiente esta metodologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Coelho. O ensino coletivo de instrumentos musicais: Aspectos históricos, políticos, didáticos, econômicos e socio-culturais. Um relato. **Anais do ENECIM**, 2004, p. 11.

ÂNGELO, Jonathan Lima. Oficina de violão da Casa da Música: um relato de experiência como professor no curso. **Anais da ABEM**, 2011,p.1866.

ARAÚJO, Larena Franco; BARRENECHEA, Sérgio Azra. O choro como material didático para o ensino da flauta transversal. **Anais da ANPPOM**, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino de cordas**. Goiania, ICBC, 2005.

_____. Projeto de Extensão “Oficinas de Cordas da EMA/UFG”: O ensino coletivo como meio eficiente de democratização da prática instrumental. **Anais do ENECIM**, 2004, p.68

DANTAS, Tais. Relações intrapessoais e interpessoais na aprendizagem musical realizada em grupo. **Anais da ABEM** 2011, p.659.

CAVALCANTE, Vanessa, DANTAS, Marcelo. **Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa**. Recife, 2006.4 f. (Texto digitado).

GOMES, José Benedito Viana. Aulas coletivas de instrumento como fator de motivação para o desenvolvimento da execução musical de flautistas em curso de graduação. **I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduação em Música da UNIRIO**, 2010,p.794.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em Ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LAVILLE, Christian; Dionne Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

MONTANDON, Maria Isabel. Ensino Coletivo, Ensino em Grupo: mapeando as questões da área. **Anais do ENECIM**, 2004, p. 44.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

QUEIROZ, Cíntia Carla de; RAY, Sonia. Breve revisão da literatura sobre ensino coletivo de cordas em Goiânia. **Anais da CONPEEX**, 2005.

RICHTER, Ivone Mendes. Interterritorialidade- mídias, contextos e educação. In: BARBOSA Ana Mae, AMARAL Lilian (Org.). **Interterritorialidade – mídias, contextos e educação**. São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p. 106

SILVA, Adriano Azevedo. O caso do ensino coletivo da percussão nas escolas públicas municipais da cidade de Fortaleza/CE. **Anais da ABEM**, 2011, p.1568.

SILVA, José Alessandro Gonçalves. O Ensino Coletivo de Instrumentos de Sopro como Disciplina da Grade Curricular de Um Curso de Licenciatura em Música. **Anais da ABEM**, 2007, p. 1-8.

SILVA, Ligia Borges. **O factor idade no ensino e aprendizagem de flauta transversal**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011, p.156 f. Dissertação (Mestrado em Música para o Ensino Vocacional) Departamento de comunicação e arte da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.

TOURINHO, Ana Cristina G. dos Santos. A formação de professores para o ensino coletivo de instrumentos. **Anais Da ABEM**, 2003, p. 51-57.

_____. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. **XVI Encontro Nacional da ABEM/Congresso Regional da ISME - América Latina**, 2007.

YING, Liu Man. **Ensino coletivo direcionado no violino**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. 227 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de comunicação e artes, São Paulo, 2007.